



Ciências Humanas:

Caráter Polissêmico e
Projeção Interdisciplinar

Antonio Carlos da Silva
Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti
(Organizadores)

 **Atena**
Editora

Ano 2021



Ciências Humanas:

Caráter Polissêmico e
Projeção Interdisciplinar

Antonio Carlos da Silva
Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti
(Organizadores)

 **Atena**
Editora

Ano 2021

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Gírlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfnas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Fernando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federacl do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Sidney Gonçalves de Lima – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo
Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Profª Ma. Adriana Regina Vettorazzi Schmitt – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Carlos Augusto Zilli – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa

Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Edson Ribeiro de Britto de Almeida Junior – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atilio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Prof. Me. Francisco Sérgio Lopes Vasconcelos Filho – Universidade Federal do Cariri
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Lilian de Souza – Faculdade de Tecnologia de Itu
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Me. Luiz Renato da Silva Rocha – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos

Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Dr. Pedro Henrique Abreu Moura – Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Rafael Cunha Ferro – Universidade Anhembi Morumbi
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renan Monteiro do Nascimento – Universidade de Brasília
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Ciências humanas: caráter polissêmico e projeção interdisciplinar 2

Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Correção: Maiara Ferreira
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadores: Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti
Antonio Carlos da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C569 Ciências humanas: caráter polissêmico e projeção interdisciplinar 2 / Organizadores Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti, Antonio Carlos da Silva. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-131-9

DOI 10.22533/at.ed.319210406

1. Ciências humanas. I. Cavalcanti, Vanessa Ribeiro Simon (Organizadora). II. Silva, Antonio Carlos da (Organizador). III. Título.

CDD 101

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

“Não creio que possa haver qualquer processo de pensamento sem experiência pessoal. Todo pensamento é repensa” (ARENDT, Hannah. A vida do espírito. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2012, p. 41).

Entramos em um momento histórico que somente com abordagem crítica, pluriversa, multireferenciada e plural poderemos assinalar o que fizemos de melhor como também anunciar o porvir. Os sujeitos sociais experimentam e narram vivências que exigem caráter polissêmico em prol de direitos, bem como matizam novas abordagens sobre exclusões, vulnerabilidades, assimetrias, subalternidades, tendências e interpretações de textos, contextos e agentes interseccionais.

A realidade – por meio de investigação teórica e análise histórica - está sempre em construção e as adaptações se realizam a partir da consciência dos processos mundiais e relacionais de vida social. Deste modo, com projeção interdisciplinar, confirmam emergências de temas, sujeitos e problemas que caracterizam as Ciências Humanas como um campo do conhecimento essencial para desenvolvimento social. São olhares sobre existências, resistências e processos que configuram o objetivo dessa obra.

Tomando esse argumento, o livro resulta de caminhos individuais e coletivos, de pesquisa, ensino e extensão. Tal percurso reflete intenções, desejos e, sobremaneira, trilhas que se cruzam - interdisciplinarmente e compondo partes que versam para além do senso comum - enveredando por bases científicas como instrumento de transformação.

Os dados apresentados e analisados são pontas de iceberg, denotando rigor e metodologias múltiplas. Destacam-se contributos de várias regiões desse país-continental e em diversas modalidades. São esforços para compreender, analisar, demonstrar e criar análises rigorosas e metodologicamente pautadas em fontes e vertentes argumentativas.

Nesse sentido, focalizando nas linhas gerais e valorizando o processo construção de saberes, esse livro faz uma análise dos fluxos e dos conteúdos concernentes aos processos que, em prol da descrição densa, engendram interfaces para compreensão dos fenômenos que nos cercam ao sugerir recomendações para um mundo justo.

Apreender que a totalidade das Ciências Humanas e Sociais fornecem um olhar atento sobre a consistência dos instrumentos, sejam das políticas já existentes como, sobretudo, de avaliação empregados nestes registros de desempenho dos projetos e programas. Os chamados “problemas retorcidos” (Rittel & Webber, 1973), podem não só servir de instrumento, problematizando e oferecendo visão crítica e avaliativa, tendo como centralidade também a aproximação com sujeitos “de carne e osso”, de subjetividades, pessoas (mulheres, idosas, deficientes, privadas de liberdade) e expressões de Humanidade (em suas múltiplas áreas) que tomam a responsabilidade e assumem compromisso ético oferecendo oportunidades para desenvolvimento de ações pertinentes e distantes das “incertezas”.

Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti
Antonio Carlos da Silva

REFERÊNCIAS

RITTEL, H.W. & WEBBER, M. Dilemmas in a General Theory of Planning. In: Policy Sciences 4. Amsterdam: Elsevier Scientific Publishing Company, 1973, pp. 155-169.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

DIÁLOGO ABERTO: TEORIA LIBERTÁRIA E CRÍTICA EMANCIPATÓRIA

Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti

Antonio Carlos da Silva

DOI 10.22533/at.ed.3192104061

CAPÍTULO 2..... 15

CONFLITO E IDENTIDADE NO ESPAÇO PÓS-SOVIÉTICO: O CASO DE NAGORNO-KARABAKH

Danielle Amaral Makio

Larissa de Castro Nogueira

DOI 10.22533/at.ed.3192104062

CAPÍTULO 3..... 31

PRECARIIDADES (DES)MASCARADAS. TRAMAS ONTOLÓGICAS, RECONHECIMENTOS E GIROS PELAS ABORDAGENS DE JUDITH BUTLER

Angela Virgínia Brito Ximenes

DOI 10.22533/at.ed.3192104063

CAPÍTULO 4..... 45

PROJETO SIM (SERVIÇO DE ATENDIMENTO INTEGRAL ÀS MULHERES EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E FAMILIAR): PROJETO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NA ÁREA DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E FAMILIAR CONTRA MULHERES

Fernanda das Chagas Valente

Flávia Bascuñan Timm

Heloisa Maria de Vivo Marques

Rúbia Cristina Porto

DOI 10.22533/at.ed.3192104064

CAPÍTULO 5..... 57

A CONDIÇÃO DA MULHER EM CONFINAMENTO: CONTRIBUIÇÕES A PARTIR DA OCUPAÇÃO DO EDIFÍCIO SEDE DA PETROBRAS DURANTE A GREVE DOS PETROLEIROS

Mariana Marujo Velloso

Marinete dos Santos Silva

DOI 10.22533/at.ed.3192104065

CAPÍTULO 6..... 67

A PROTEÇÃO INTEGRAL DAS PESSOAS IDOSAS EM TEMPOS DE PANDEMIA POR CORONA VÍRUS: UM ESTUDO A PARTIR DA PROMOTORIA DE JUSTIÇA DE DIREITOS HUMANOS

Ulisses Campos de Araújo

DOI 10.22533/at.ed.3192104066

CAPÍTULO 7	92
A POLÍTICA DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA NO ENSINO SUPERIOR PÚBLICO	
Hádria Samille Palhano Galvão	
Jeovana Nunes Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.3192104067	
CAPÍTULO 8	104
A FUNÇÃO DA ESPIRITUALIDADE E DA RELIGIÃO NA RESSOCIALIZAÇÃO DOS RECUPERANDOS DA ASSOCIAÇÃO DE PROTEÇÃO E ASSISTÊNCIA AOS CONDENADOS DE PARACATU-MG	
Renato Paulino Borges	
DOI 10.22533/at.ed.3192104068	
CAPÍTULO 9	111
AS POLÍTICAS PÚBLICAS NO BRASIL DE 1967 A 2019 E O PATRIMÔNIO HISTÓRICO FORTIFICADO	
Marina da Silveira e Melo	
Pedro Gomes Januário	
DOI 10.22533/at.ed.3192104069	
CAPÍTULO 10	120
O CENTRO HISTÓRICO E A EXPANSÃO DA CIDADE DE SÃO LUÍS: PROTEÇÃO, HABITAÇÃO E EXCLUSÃO SOCIAL	
Marina da Silveira e Melo	
Pedro Gomes Januário	
DOI 10.22533/at.ed.31921040610	
CAPÍTULO 11	130
HOOK, LINE, OR SINKER?: CHOICES IN ARCHAEOLOGICAL EPISTEMOLOGIES - TWO SOUTH AMERICAN CASE STUDIES	
John Gabriel O'Donnell	
Klaus Kristian Hilbert	
DOI 10.22533/at.ed.31921040611	
CAPÍTULO 12	148
ARQUEOLOGIA SOCIAL INCLUSIVA E CONSERVAÇÃO DA ARTE RUPESTRE DOS SÍTIOS BARRO BRANCO I E TEMPLO DOS PILARES – ALCINÓPOLIS – MS	
Maria Conceição Soares Meneses Lage	
Benedito Batista Farias Filho	
Igor Linhares de Araújo	
Wellington Lage	
Danyel Douglas Miranda de Almeida	
Pablo Meneses Lage	
DOI 10.22533/at.ed.31921040612	

CAPÍTULO 13.....	162
“COTIDIANO” DE RONALDO MIRANDA: IMAGINAÇÃO VISUAL E CONSTRUÇÃO DA PERFORMANCE DE CANÇÃO DE CÂMARA COM TEMÁTICA CONTEMPORÂNEA E MÚSICA PÓS-TONAL	
Gisele Pires Mota	
DOI 10.22533/at.ed.31921040613	
CAPÍTULO 14.....	173
INTERDISCIPLINARIDADE: PERSPECTIVAS E DIFICULDADES NA IMPLEMENTAÇÃO NO ENSINO DE FÍSICA ATRAVÉS DA HISTÓRIA E TECNOLOGIAS	
Tathiana Moreira Diniz Ribeiro Cotta	
DOI 10.22533/at.ed.31921040614	
CAPÍTULO 15.....	184
A IMPORTÂNCIA DAS DISCIPLINAS PEDAGÓGICAS NA FORMAÇÃO DOS LICENCIANDOS DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS DO IFTO- <i>CAMPUS</i> ARAGUATINS	
Idrlan Alves Batista	
Rafael de Jesus Costa	
Maiara Sobral Silva	
DOI 10.22533/at.ed.31921040615	
CAPÍTULO 16.....	196
ESPERANÇA E CONSOLO: UMA HERMENÊUTICA DO LIVRO DE APOCALIPSE PRESENTE NA TEOLOGIA DE MARTINHO LUTERO	
Maelite Costa de Araújo	
João Inácio Bezerra da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.31921040616	
CAPÍTULO 17.....	203
PARA ALÉM DO CORAÇÃO AQUECIDO: FRATURAS E PEQUENAS CRISES NUMA EXPERIÊNCIA ESTÉTICA COM JOHN WESLEY	
Álvaro Nunes Lorangeira	
Tarcis Prado Junior	
Moisés Cardoso	
Franco Iacomini Júnior	
DOI 10.22533/at.ed.31921040617	
SOBRE OS ORGANIZADORES	214
ÍNDICE REMISSIVO.....	215

CAPÍTULO 5

A CONDIÇÃO DA MULHER EM CONFINAMENTO: CONTRIBUIÇÕES A PARTIR DA OCUPAÇÃO DO EDIFÍCIO SEDE DA PETROBRAS DURANTE A GREVE DOS PETROLEIROS

Data de aceite: 21/05/2021

Data de submissão: 03/05/2021

Mariana Marujo Velloso

Universidade Estadual do Norte Fluminense
Darcy Ribeiro
Campos dos Goytacazes, RJ
<http://lattes.cnpq.br/0390595716847709>

Marinete dos Santos Silva

Universidade Estadual do Norte Fluminense
Darcy Ribeiro
Campos dos Goytacazes, RJ
<http://lattes.cnpq.br/3823340653193976>

RESUMO: A pandemia do novo coronavírus confinou muitas famílias no espaço doméstico em tempo integral e, com isso, o trabalho doméstico e de cuidados passou a ser centrado, com exclusividade, na unidade familiar. As mulheres destas famílias são, neste contexto, sobrecarregadas, na medida em que suportam com maior intensidade a imposição do trabalho reprodutivo. A partir da experiência de coletivização de cuidados durante a ocupação de uma sala no edifício sede da Petrobras na greve deflagrada pela categoria petroleira em fevereiro de 2020, proponho algumas reflexões acerca dos desafios que a pandemia e a superação de seus efeitos impõem à sociedade, especialmente no que diz respeito à opressão da mulher na divisão sexual do trabalho em tempos de isolamento, a partir da teoria de gênero e da prática de comuns na experiência sul-americana.

PALAVRAS - CHAVE: Coronavírus. Divisão sexual do trabalho. Comuns.

THE CONDITION OF WOMEN IN
CONFINEMENT: CONTRIBUTIONS FROM
THE OCCUPATION OF PETROBRAS
HEADQUARTERS BUILDING DURING
THE OIL WORKERS' STRIKE

ABSTRACT: The pandemic of the new coronavirus has confined many families to the domestic space full-time and, because of this, domestic and care work has become solely focused on the family unit. In this context, women in these families are overburdened, as they support the imposition of reproductive work with greater intensity. Based on the experience of collectivization of care during the occupation of a room in the Petrobras headquarters building during the strike triggered by the oil category in February 2020, I propose some reflections on the challenges that the pandemic and the overcoming of its effects impose on society, especially with regard to the oppression of women in the sexual division of labor in times of isolation, based on gender theory and the practice of commons in the South American experience.

KEYWORDS: Coronavirus. Sexual division of labor. Commons.

1 | INTRODUÇÃO

Atualmente, em virtude da pandemia do novo coronavírus, muitas famílias habitam o espaço doméstico em tempo integral, de modo que o trabalho doméstico e de cuidados

– até então compartilhado com empregadas domésticas, creches e outras prestadoras de serviço de cuidado – é agora centrado unicamente na unidade familiar. Neste contexto, mulheres são sobrecarregadas, na medida em que sobre elas recai com maior intensidade a imposição do trabalho reprodutivo.

Em fevereiro de 2020, a categoria petroleira deflagrou movimento grevista e uma das estratégias de luta foi a ocupação do edifício sede da Petrobrás, na cidade do Rio de Janeiro, por cinco diretores sindicais. A greve durou vinte dias e, entre a/os ocupante/s, havia apenas uma mulher. Esta experiência peculiar de confinamento, anterior à pandemia, é capaz de oferecer ferramentas importantes para o debate sobre os desafios que a pandemia e as superação dos seus efeitos impõem à sociedade, especialmente no que diz respeito à opressão da mulher no seio da divisão sexual do trabalho em tempos de isolamento. Isto porque, apesar de relatos dos momentos prévios à ocupação indicarem a diretora como referência no que diz respeito às iniciativas ligadas à reprodução, o período da ocupação não denotou a sua opressão em relação à divisão do trabalho. A isto, atribuímos a existência de uma rede externa que coletivizou o trabalho de cuidado direcionado à/aos ocupante/s.

Para a realização da pesquisa aqui comunicada, que ainda se encontra em fase de desenvolvimento, foram realizadas entrevistas com a/os diretora/es da Federação Única dos Petroleiros envolvidos na ocupação, a fim de traçar uma análise preliminar de como se deu a divisão do trabalho na sala ocupada, a partir da teoria de gênero, com o objetivo de viabilizar, a partir do material extraído do campo, um enfoque especial nas teorias acerca da divisão sexual do trabalho e da prática de comuns dentro da experiência sul-americana.

2 | FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A referência teórico-metodológica adotada para o desenvolvimento da presente pesquisa é a teoria de gênero. Trata-se de uma categoria que põe em questão a construção social das noções tradicionais sobre homens, mulheres e as possibilidades que lhes são socialmente franqueadas enquanto tais. Neste ponto, é importante considerar a definição de gênero formulada por Scott (2019, p. 67), que indica que

o núcleo essencial da definição baseia-se na conexão integral entre duas proposições: o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos; e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder.

Na seara das pesquisas sobre gênero, a questão da subordinação das mulheres intriga teóricas/os e militantes já há muito tempo. Ao pensamento feminista, em especial, preocupa entender esta problemática, cuja compreensão se mostra extremamente complexa. Retomando as iniciativas dos movimentos feministas, notadamente da década de 1960, Piscitelli (s.d., p. 2) reforça a questão central de suas pautas: “se a subordinação

da mulher não é justa, nem natural, como se chegou a ela e como se mantém?”. Apesar das múltiplas vertentes do pensamento feminista, há algo central e comum às abordagens desenvolvidas neste período histórico, no sentido de que todas “consideram que as mulheres ocupam lugares sociais subordinados em relação aos mundos masculinos” (ibidem). De acordo com a crítica formulada pela autora, contudo, esta subordinação é assumida como algo universal, de modo que estaria presente, portanto, em todos os espaços e períodos históricos.

Souza-Lobo (1991b, p. 8), em artigo que se volta ao estudo do gênero no trabalho, admite se tratar de um “falso problema” a busca pela causa original da subordinação das mulheres. Quanto a isto, pontua a autora:

Isto significa o abandono de uma lógica causal fundada numa estrutura fatalmente determinante, por uma análise compreensiva que constrói significações. Trata-se pois de pesquisar *como* a subordinação das mulheres se construiu historicamente, nas práticas, nas culturas, nas instituições.

No mesmo sentido, Saffioti (1992, pp. 183-184) afirma que é inútil se debruçar sobre a hipótese de ter ou não havido sociedades com dominância feminina em vez da masculina, e sublinha que o que realmente deve impulsionar os estudos é o fato de que “todas as sociedades realmente conhecidas revelam dominância masculina, ainda que esta dominância varie de grau”.

É proposto, assim, um deslocamento do foco, um movimento que leva à investigação da estrutura que presta sustentação à subordinação das mulheres, em vez de prestigiar o estudo das suas fontes históricas em si. Importa saber como se mantém a subordinação muito mais do que dar conta de explicar as suas origens e causas primeiras.

Por estar inserido no debate acerca da divisão sexual do trabalho, a categoria de gênero é especialmente útil ao presente trabalho, porque “a relação de trabalho é um dos muitos locus das relações de gênero” (SOUZA-LOBO, 1991, p. 11). Assim, a categoria de gênero, tomada na multidimensionalidade que lhe é intrínseca, fornece ao estudo acerca da divisão sexual do trabalho as ferramentas aptas a investigar, além das estruturas, as subjetividades envolvidas no objeto de análise.

O conceito de gênero, amplamente disseminado nas últimas décadas, foi recebido com entusiasmo especialmente pela academia voltada às discussões feministas, por ser considerado “um avanço significativo em relação às possibilidades analíticas oferecidas pela categoria ‘mulher’” (PISCITELLI, op. cit, p. 1), que até então tinha prevalência. Sobre o assunto, são esclarecedoras as ponderações de Piscitelli (ibidem, pp. 7-8):

Na atualidade é comum opor os “estudos sobre mulher” aos “estudos de gênero”. Ao mesmo tempo, ainda é frequente a confusão entre “gênero” e “mulher”. As duas situações são compreensíveis quando se pensa na história do pensamento feminista. Quero dizer que o conceito de gênero se desenvolveu no marco dos estudos sobre “mulher” e compartilhando vários

dos seus pressupostos. Mas a formulação do conceito de gênero procurava superar problemas relacionados à utilização de algumas das categorias centrais nos estudos sobre mulheres.

Isto fica claro quando prestando atenção à publicação do ensaio que marcou o pensamento feminista ao introduzir o conceito de gênero no debate sobre as causas da opressão da mulher. Embora o termo gênero já fosse utilizado, foi a partir da conceitualização de Gayle Rubin que este começou a difundir-se com uma força inusitada até esse momento. O ensaio *O Tráfico das Mulheres: Notas sobre a Economia Política do Sexo*, publicado em 1975, escrito quando sua autora era uma aluna de pós-graduação, se tornou uma referência obrigatória na literatura feminista.

No marco do debate sobre a natureza, gênese e causas da opressão e subordinação social da mulher, Rubin definiu o sistema sexo/gênero como o conjunto de arranjos através dos quais uma sociedade transforma a sexualidade biológica em produtos da atividade humana, e nas quais estas necessidades sociais transformadas são satisfeitas. Perguntando-se sobre as relações sociais que convertem as fêmeas em mulheres – “a passagem de fêmea, como se fosse matéria prima, à mulher domesticada”, a autora elabora o conceito sistema de sexo/gênero – “um conjunto de arranjos através dos quais a matéria prima biológica do sexo humano e da procriação é modelada pela intervenção social humana” – localizando essa passagem no trânsito entre natureza e cultura, especificamente, no espaço da sexualidade e da procriação.

De acordo com a conceitualização formulada por Rubin, portanto, a natureza forneceria às pessoas aquilo que conhecemos como sexo que, ao ser apropriado e significado socialmente tomaria sentido em torno do gênero. Rubin definia, então, o sistema sexo/gênero como “o sistema de relações sociais que transformava a sexualidade biológica em produtos da atividade humana e no qual são satisfeitas as necessidades sexuais específicas daí historicamente resultantes” (HARAWAY, 2004, p. 223). A grande relevância desta perspectiva, situada no binarismo sexo/gênero e natureza/cultura, é a de categorizar o gênero como um produto histórico, social, e, por este motivo, passível de “ser transformado através da luta política” (ibidem).

Buscando conceituar o gênero, Connell e Pearse (2015, pp. 46-49) iniciam por lembrar o seu uso mais comum, segundo o qual gênero é “a diferença cultural entre homens e mulheres, baseada na divisão entre fêmeas e machos”. Asseveram, por outro lado, que a vida humana não obedece os padrões binários sobre os quais se funda tal definição, de modo que as autoras propõem uma mudança de foco, que seria deslocado das diferenças para as relações. Este enfoque nas relações permite observar “o que a teoria social chama de ‘estrutura’”. Com base nestas considerações, as autoras formulam, então, relevante conceito para gênero, que seria “a estrutura de relações sociais que se centra sobre a arena reprodutiva e o conjunto de práticas que trazem as distinções reprodutivas sobre os corpos para o seio dos processos sociais” (ibidem).

No contexto da teoria de gênero, utiliza-se em especial o recorte que se volta às possibilidades de uma economia feminista – que “permite compreender as formas específicas de exploração das mulheres e dos corpos feminizados na sociedade capitalista” (GAGO, 2020, p. 143) –, a partir da qual é ampliado o próprio conceito de economia, de modo que seja incluída a divisão sexual do trabalho e superada a oposição entre trabalho produtivo e reprodutivo. Segundo Gago (ibidem), “é preciso situar hoje a pergunta pelo diferencial de exploração como tarefa da economia feminista”, tendo como ponto de partida o trabalho de reprodução, que configura, afinal, “o lugar concreto de início desse diferencial”.

Neste sentido, a partir das experiências de economias populares e práticas de comuns, presentes da obra de Gago (2020), que politizam e coletivizam as tarefas reprodutivas em vez de confiná-las ao lar, é possível pensar alternativas para a superação dos inúmeros percalços opressivos atualmente experimentados pelas mulheres no contexto de isolamento social em virtude da pandemia do novo coronavírus.

Além disso, importa ao presente trabalho o conceito de interseccionalidade, proposto por Kimberlé Crenshaw na virada dos anos 1980 e 1990, embora, mesmo antes deste marco, autoras como Angela Davis, Lélia González, Audre Lorde e bell hooks já formulassem reflexões acerca das diferentes opressões que atravessam a experiência das mulheres (MACHADO, 2019, p. 27). Machado (ibidem) explica o contexto de surgimento do conceito:

O termo foi cunhado diante de um impasse jurídico que inviabilizava a garantia dos direitos das mulheres negras. Como a legislação norte-americana e os documentos de direitos humanos produzidos até então trabalhavam com as ideias de raça/racismo e gênero/sexismo como elementos independentes entre si, era possível garantir direitos relacionados ao primeiro par (para homens negros) e ao segundo par (para mulheres brancas) sem reconhecer a experiência única das mulheres negras enquanto sujeito coletivo.

A categoria da interseccionalidade cunhada por Crenshaw lança luz sobre os entrecruzamentos da raça e do gênero, “abordando parcial ou periféricamente classe ou sexualidade, que podem ‘contribuir para estruturar suas experiências (as das mulheres de cor)’” (HIRATA, 2014, p. 62; CRENSHAW, 1994 apud HIRATA, idem). Autora brasileira que também volta a sua produção intelectual e militância contra o “esquecimento da questão racial” na teoria e na prática feministas, é Lélia Gonzalez, ao reivindicar um “feminismo afrolatinoamericano”, por meio do qual lança luz sobre as problemáticas de gênero, raça e classe a partir de uma perspectiva situada na realidade da América Latina (GONZALEZ, 2018, p. 307-320).

Se, por um lado, é inegável a existência da opressão de gênero suportada pelas mulheres, por outro, não se pode afirmar que haja algo como “um elo comum entre todas as mulheres” (hooks, op. cit., p. 31). Por este motivo, a abordagem interseccional é indispensável a qualquer trabalho que pretenda se debruçar sobre a problemática do gênero, como o presente.

Entendo mesmo que a interseccionalidade é a própria essência da teoria de gênero. Considerando que não há uma mulher passível de apreensão em abstrato, como uma categoria assumida por essência, é imprescindível às pesquisas que se pautam pelo gênero identificar as múltiplas diferenças e opressões que atingem os indivíduos pontual e materialmente observados.

3 | RESULTADOS ALCANÇADOS

A pesquisa foi realizada a partir do trabalho de campo e da análise, com base no arcabouço teórico-metodológico anterior e sucintamente apresentado, dos dados obtidos pela oitiva das pessoas envolvidas na questão social aqui suscitada. Neste sentido, foram realizadas entrevistas com a diretora e os diretores da Federação Única dos Petroleiros que ocuparam a sala de reuniões no Edifício Sede da Petrobras durante o movimento de greve deflagrado em fevereiro de 2020 – isto é, três do total de cinco ocupantes.

Neste trabalho, filiei-me à noção de indispensabilidade da subjetividade na pesquisa social, a partir da perspectiva de que é nela mesma que se encontra o verdadeiro motivo das investigações aqui realizadas. A preocupação com uma pretensa universalidade do conhecimento não pode se sobrepor à importância que as subjetividades têm na produção das ciências sociais.

Interesso-me, neste artigo, pela experiência e pela impressão pessoal dos/as entrevistados/as e, por se tratar de assunto relativo à subjetividade das pessoas, é evidente que não há ninguém mais apto/a a informar do que elas mesmas. Neste ponto, vale destacar o paradoxo trazido por Michelat (1982, p. 197) segundo o qual “é a partir do que há de mais individual e de mais afetivo que vamos tentar alcançar o que é sociológico”. Construir um trabalho sociológico que verse sobre pessoas deve, portanto, passar necessariamente pelas pessoas afetadas, investigando diretamente quem elas são e permitindo que elas se coloquem ativamente na investigação. As entrevistas serviram a este propósito.

Inicialmente, busquei compreender como se deu a preparação para a ocupação então pretendida pela direção da federação. Verifiquei, desta forma, que a expectativa era que a ocupação da sala durasse, no máximo, cerca de sete dias – e não vinte, como de fato ocorreu. Nestes momentos de preparo, a figura da diretora despontou como forte articuladora e organizadora. Todos os relatos deram conta de que ela fez contato com cada um dos demais ocupantes para lembrá-los de levar alimentação e demais artigos necessários para pernoitarem na sala. Parte do relato da diretora narra as perguntas que ela direcionou aos outros diretores quanto a estes cuidados: “Você já pegou uma mantinha? Já pegou um travesseiro? Já pegou as coisinhas que você gosta?”.

E, além disso, o que é mais relevante para o presente estudo, a diretora foi de fato a responsável por garantir, por meio de mensagens de texto ou ligações por ela realizadas, que os demais diretores lembrassem dos cuidados que deveriam tomar ao se equiparem

para a ocupação – antes de sua provocação, um dos diretores, por exemplo, não havia se dado conta de que era importante providenciar cobertores para uso noturno. Quanto a isto, as ponderações da própria diretora, abaixo transcritas:

Esse olhar do preparo, desse cuidado, e daí você vê que isso é um perfil mais feminino, né, nas divisões de trabalho nossa, quem cuida dessa parte sempre, porque é o equivalente ao cuidado do lar, né, fazer a cama, a comida, então não é à toa que fui eu que mais me preocupei com isso.

O que parecia se configurar como um período de forte sobrecarga para a diretora, entretanto, ao longo da ocupação assumiu diferentes contornos. Tanto o relato da diretora quanto os dos demais ocupantes da sala deram conta de que a ocupação transcorreu de maneira que a divisão de tarefas na sala ocupada se deu de maneira orgânica e equilibrada – a cada um, basicamente, cumpria cuidar de seus pertences de uso pessoal e do espaço onde os deixava. Não se vislumbrou, desta forma, uma divisão do trabalho que colocasse a diretora em prejuízo em relação aos demais diretores, como os preparos iniciais inspiraram prever.

Durante o período da ocupação, embora o confinamento se limitasse a uma única sala de reunião, havia outros dois ambientes de uso rotineiro: um vestiário, utilizado para a higiene pessoal, e uma sala para refeições. A alimentação, por sua vez, considerando a impossibilidade de preparo de comida por parte da/os ocupante/s, foi promovida pelos movimentos sociais e funcionários/as da Federação Única dos Petroleiros que prestaram apoio à greve. O grupo da direção que ocupava a sala, portanto, recebia as refeições já prontas, fornecidas pelos coletivos que externamente as preparavam. O vestiário e a sala de refeições, por serem espaços da própria empresa, tinham sua limpeza e manutenção por ela promovidos, de modo que à/aos ocupante/s cumpria apenas o uso pontual.

Esta perspectiva ampliada permite enxergar o modo como a divisão do trabalho, essencialmente reprodutivo, para os cuidados e a subsistência da/os ocupante/s, foi politizada e compartilhada coletivamente. Houve verdadeira rede de apoio externa que desempenhou o trabalho de reprodução e cuidados de que necessitavam a/os ocupante/s.

Apesar de sua curta duração, a experiência de coletivização dos cuidados, observada na ocupação realizada pelas/os petroleiras/os, traz importantes contribuições acerca das possibilidades de superação da perspectiva individual para os trabalhos de reprodução. A pandemia do novo coronavírus, ao confinar famílias e, desta forma, sobrecarregar mulheres já historicamente sobrecarregadas, não deixa dúvida de que a pauta dos cuidados desponta como uma das principais em lutas pelo fim da opressão – em suas várias forças: de classe, de gênero e de raça. A partir do aporte teórico que trata das práticas de comuns pela América do Sul, como estratégias de combate à precarização da vida imposta pelas crises econômicas, a pesquisa aponta, então, a coletivização do trabalho reprodutivo como premissa fundamental em torno de uma sociedade que pretenda dar fim à opressão contra as mulheres.

A análise dos relatos acerca do momento pré ocupação, durante o qual cada ocupante deveria providenciar os seus próprios preparativos, contrasta com o que ocorreu durante o período da ocupação, em que as necessidades de subsistência extrapolaram a preocupação e responsabilidade individuais e foram admitidas por iniciativas coletivas externa à sala onde estavam os diretores. Se, no primeiro momento, a diretora figurou como a pessoa que alertava e aconselhava sobre os cuidados necessários aos demais ocupantes, no segundo momento, essa centralidade da sua figura foi mitigada. É possível vislumbrar, neste ponto, a mudança da carga de trabalho, inclusive mental, da diretora a partir da coletivização do trabalho reprodutivo.

Além disso, reconhecendo os limites do estágio atual da presente pesquisa, destaco a necessidade de aprofundamento deste estudo, de modo que sejam conhecidas e pesquisadas também as iniciativas externas à sala ocupada, no seio das quais foram promovidos os cuidados que foram dedicados à e aos ocupante/s. Com inspiração na prática de comuns, é viável pensar que indivíduos situacionalmente fragilizados – como a diretora e os diretores sindicais ocupante/s da sala – atuem de maneira mais passiva na rede de cuidados coletivizados. Não podemos admitir, por outro lado, que esta condição seja permanente, tampouco que signifique a opressão de outras pessoas – e é historicamente seguro pressupormos que, nesse caso, as pessoas oprimidas seriam mulheres.

Assim, caberá a aprofundamento futuro, com o qual estou comprometida, buscar conhecer como se deu a coletivização externa dos cuidados durante a ocupação da sala da Petrobras, de modo que possamos analisar até que ponto a coletivização verificada na ocupação efetivamente desestruturou ou não a tradicional divisão sexual do trabalho. É preciso, neste sentido, lançar perguntas fundamentais a este campo, tais como: quem deu conta do trabalho de que foram poupados a/os ocupante/s? Ainda: as pessoas que deram conta deste trabalho são pessoas que vivem condições históricas de opressão – mulheres, negras, pobres?

Considero importante anotar, portanto, que a pesquisa seguirá seu curso ampliando o rol de interlocutores, de modo que sejam ouvidas também as pessoas que se engajaram externamente na reprodução da/os ocupante/s da sala, especialmente o grupo de funcionárias/os da federação que estabeleceram os contatos – e eventualmente os contratos – necessários para tanto.

De qualquer forma, desde já, é possível afirmar que, na experiência dos interlocutores que estiveram na sala ocupada a divisão sexual do trabalho não foi uma problemática de relevo, nem mesmo para a única diretora presente. E, ainda, me parece seguro atribuir este fato ao apoio externo que se manteve presente durante todos os dias da greve.

A experiência de confinamento familiar, por seu turno, como verificada em muitos lares em virtude da pandemia do novo coronavírus, aponta na direção contrária, isto é, na sobrecarga das mulheres em virtude da intensificação do trabalho de reprodução. Se, no cenário pré pandemia, o trabalho doméstico e de cuidados era passível de compartilhamento

com empregadas, creches e outras prestadoras de serviço, durante o período de isolamento social, centrou-se unicamente na família. Esta rede externa – que, é importante pontuar, configura possibilidade restrita em geral às famílias de classe média ou alta, de maneira que exclui a experiência da maioria da população brasileira – foi retirada e a consequência foi o deslocamento deste trabalho de reprodução para a responsabilidade das mulheres.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente comunicação trata de pesquisa que se encontra em fase de desenvolvimento e tem importantes etapas ainda a percorrer. Neste ponto, destaco a necessidade de conhecimento e análise de como se deu a experiência aqui estudada a partir da perspectiva externa, dos coletivos e funcionárias/os envolvidas/os nas demandas da ocupação. É fundamental conhecer quem foram as pessoas que promoveram toda a rede de cuidados e reprodução que permitiu à/aos ocupante/s a satisfação de suas necessidades de subsistência, a fim, inclusive, de verificar se a experiência de fato rompe com as lógicas da opressão e da divisão sexual do trabalho ou apenas as reproduz.

Desde já, contudo, considero possível afirmar que a coletivização do trabalho reprodutivo foi necessária à permanência da/os diretora/es da Federação Única dos Petroleiros na sede da Petrobras, e fundamental para que a ocupação tenha transcorrido da maneira pacífica e sem sobrecarregar a única diretora presente na sala.

A partir disto, vislumbro reflexões que apontam para as possibilidades de superação da opressão da mulher a partir de uma economia feminista e da prática de comuns, como estratégias para ultrapassar os efeitos nefastos da pandemia do novo coronavírus na jornada de trabalho doméstico das mulheres.

REFERÊNCIAS

CONNELL, Raewyn; PEARSE, Rebecca. **Gênero**: uma perspectiva global. São Paulo: nVersos, 2015

FEDERICI, Sílvia. **O ponto zero da revolução**: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista. São Paulo: Elefante, 2019.

GAGO, Verónica. **A potência feminista ou o desejo de transformar tudo**. São Paulo: Elefante, 2020.

GONZALEZ, Lélia. **Primavera para as rosas negras**: Lélia Gonzalez em primeira pessoa. Diáspora Africana: Editora Filhos da África, 2018.

HARAWAY, Donna. “**Gênero**” para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra. Cadernos Pagu, n. 22, 2004: pp. 201-246.

HIRATA, Helena. **Gênero, classe e raça**: interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. *Tempo soc.* [online]. 2014, vol.26, n.1, pp.61-73.

HOOKS, bell. **Teoria feminista: da margem ao centro**. São Paulo: Perspectiva, 2019.

MACHADO, Bárbara Araújo. Articulando utopias: algumas possibilidades do encontro entre feminismo negro e o marxismo da reprodução social. **Lutas Sociais**, [S.l.], v. 22, n. 40, p. 23-35, dez. 2019. ISSN 2526-3706. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/ls/article/view/46647>>. Acesso em: 29 jul. 2020.

MICHELAT, Guy. **Sobre a utilização da entrevista não diretiva em sociologia**. Crítica metodológica, investigação social e enquete operária. São Paulo: Polis, 1982, pp. 191-212.

PISCITELLI, Adriana. **Re-Criando a (categoria) mulher?** Disponível em: <https://www.culturaegenero.com.br/download/praticafeminina.pdf>. Acesso em: 5 ago. de 2020.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica**. In: Audre Lorde... [et al.]; organização Heloisa Buarque de Hollanda. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, pp. 49-80.

SOUZA-LOBO, Elisabeth. **O trabalho como linguagem: o gênero no trabalho**. BIB, Rio de Janeiro, n. 31, pp. 7-16, 1º semestre de 1991.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Antropologia 105, 106, 148

Arqueologia 8, 131, 132, 149, 150, 151

Arquitetura 23, 57, 112, 113, 115, 116, 117, 118, 119, 121, 125, 126, 130

Arte Rupestre 8, 149, 150, 151, 155, 156, 161, 162

B

Biologia 187, 190, 192, 193, 194, 196

C

Centro Histórico 8, 121, 122, 123, 125, 126, 127, 128, 129

Cidades 112, 113, 116, 120, 121, 129

Conhecimento Científico 49

Coronavírus 58, 62, 64, 65, 66, 68, 82, 83, 92

COVID-19 3, 32, 41, 69, 70, 74, 75, 78, 79, 83, 85, 91, 92

Crise Sanitária 68, 69

D

Didática 96, 107

Direitos Humanos 7, 1, 2, 32, 39, 42, 43, 46, 47, 53, 54, 56, 62, 68, 73, 75, 77, 78, 80, 81, 87, 92, 102, 107, 109, 111, 215

E

Economia Política 1, 5, 7, 11, 15, 41, 61

Educação Inclusiva 8, 93, 94, 95, 97, 100, 101, 103

Ensino 5, 8, 9, 47, 49, 55, 56, 57, 93, 94, 95, 96, 97, 100, 101, 103, 174, 175, 176, 178, 183, 184, 187, 188, 189, 193, 194, 195, 215

Ensino Superior 8, 49, 93, 94, 95, 96, 97, 101, 103, 175, 176, 188

Estado 3, 4, 5, 8, 9, 10, 12, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 29, 32, 35, 37, 42, 43, 44, 68, 69, 70, 71, 73, 76, 77, 81, 82, 83, 85, 87, 90, 91, 94, 101, 106, 107, 111, 115, 122, 123, 125, 126, 129, 149, 151, 161, 174, 176, 187, 206, 209, 211, 212, 215

Ética do cuidado 32

Exclusão social 8, 121, 125, 127, 211

Extensão Universitária 7, 46, 47, 49, 50, 56, 57

F

Física 9, 48, 54, 87, 89, 90, 96, 98, 99, 100, 112, 118, 121, 129, 171, 174, 176, 183, 196

G

Gênero 1, 4, 32, 33, 34, 35, 36, 39, 40, 43, 47, 48, 53, 54, 55, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 66, 67, 69, 92, 215

H

Hermenêutica 9, 197, 200, 201, 202, 203

Humanidades 3, 32, 38, 39, 131, 215

I

Identidades 16, 20, 23, 24, 36, 39, 109

Imagética Visual 163, 164, 170

Interdisciplinaridade 9, 70, 174, 176, 183, 188, 190, 194

Iphan 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 122, 123, 124, 125, 126, 129, 130, 150, 151, 155, 158, 161

J

Justiça Social 1, 2, 68, 70

L

Lei Maria da Penha 46, 48, 50, 56

Liberdade 5, 9, 28, 44, 53, 70, 71, 86, 87, 88, 107, 110, 120

M

Metodologias 5, 201

Mulheres 5, 7, 1, 40, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 64, 65, 66, 215

Música 9, 163, 164, 166, 167, 170, 171, 172, 211

N

Nagorno-Karabakh 7, 16, 17, 18, 19, 21, 30, 31

P

Pandemia 7, 41, 58, 59, 62, 64, 65, 66, 68, 69, 73, 74, 76, 78, 79, 80, 81, 82, 91, 92

Patrimônio Histórico 8, 112, 113, 114, 115, 116, 118, 119, 120, 121, 127, 129, 151, 161

Performance 9, 21, 112, 145, 150, 163, 164, 165, 170, 172, 174, 186

Pessoa com Deficiência 93, 94, 95, 97, 98, 102, 103

Pessoas Idosas 7, 41, 68, 69, 70, 75, 78, 79, 81, 83, 86, 87, 91

Poesia 43, 163, 164, 165, 172

Políticas Públicas 8, 9, 23, 41, 51, 54, 55, 70, 73, 80, 86, 87, 91, 94, 95, 96, 101, 112, 113, 114, 115, 119, 215

Precariedades 7, 32, 41, 43

Protestantismo 204

R

Religião 8, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 213

S

Sistema prisional brasileiro 105

Sítio arqueológico 147, 150, 153, 154, 155, 157, 161

T

Teologia 9, 197, 198, 200, 201, 202, 213, 214

Teoria Crítica 1, 4, 13, 14, 32, 44

Transdisciplinaridade 46, 47, 50, 51, 53, 56

U

UNESCO 113, 116, 117, 121, 122, 126, 161




V

Violência Doméstica e Familiar 7, 46, 47, 49, 50, 53, 54, 55



Ciências Humanas:





Caráter Polissêmico e
Projeção Interdisciplinar

-  www.arenaeditora.com.br
-  contato@arenaeditora.com.br
-  [@arenaeditora](https://www.instagram.com/arenaeditora)
-  www.facebook.com/arenaeditora.com.br



Ciências Humanas:

Caráter Polissêmico e
Projeção Interdisciplinar

-  www.arenaeditora.com.br
-  contato@arenaeditora.com.br
-  [@arenaeditora](https://www.instagram.com/arenaeditora)
-  www.facebook.com/arenaeditora.com.br